

que as empresas estrangeiras instaladas no país têm mais vínculos com o país de origem do que com o país onde se instalam, através de filiais ou subsidiárias. Elas não se integram na economia onde se instalam; os motivos de se terem instalado são inteiramente diferentes e distantes daqueles motivos que levam à instalação de uma empresa nacional. Esta, pela natureza mesma de sua função, está enraizada na economia do país; não está ao alcance da vontade de seus proprietários transferi-la a outro país; não é o que acontece com as multinacionais, estrangeiras sob todos os sentidos, sem nenhuma outra razão, senão a do lucro, para se terem instalado, e sem nenhuma outra razão, senão a do lucro, para permanecer ou para emigrar.

As decisões que presidem tais atos não levam em conta os interesses nacionais do país em que se instalam: "No caso de conglomerados internacionais, operando no Brasil, as decisões integradas a respeito de matérias tão relevantes como as apontadas são tomadas em seus escritórios centrais, levando em conta a estratégia global do conglomerado e sua regionalização. Deste modo, o Banco de Investimento local tende a ser apenas uma agência financeira com certo grau de flexibilidade para articular operações reais e financeiras cuja dimensão não transcende a escala local. Sua estratégia está concentrada, sobretudo, na diversificação das aplicações, visando diminuir a taxa de risco global do capital investido. É certo que, como esse capital representa apenas uma porcentagem ínfima das aplicações globais do conglomerado internacional, as suas filiais brasileiras podem buscar oportunidades novas de investimento com um grau maior de risco do que as empresas nacionais. Isto é, no entanto, praticamente irrelevante quando a política de incentivos fiscais e de subsídios financeiros não discrimina entre capital nacional e estrangeiro, para fim de aplicações em áreas prioritárias ao desenvolvimento nacional".

A superação do subdesenvolvimento, pois, consiste, essencialmente, em alcançar a autonomia das decisões, em dispor de seus próprios recursos e, principalmente, em destruir os laços coloniais, como os laços de dependência, para estruturar uma economia capaz de proporcionar melhores condições de vida para o povo. O chamado "modelo brasileiro de desenvolvimento", ao contrário de tudo isso, gerou laços novos de dependência, transferiu para o exterior os centros de decisão, submeteu-se às

■ Maria da Conceição Tavares: *op. cit.*, p. 25.